

un apartado. Al final siempre hay que escoger uno, y es por eso que antes de confirmar una ausencia es preciso consultar los cinco apartados de la *Bibliografía*. Echamos de menos, sin embargo, un epígrafe que agrupe sólo los Catálogos bibliográficos y Diccionarios, ahora integrados en un confuso (y necesario) «Otras obras y estudios».

Y finalmente el «Apéndice documental», con la transcripción íntegra de todos los textos que Francisco Javier escribió – o dicen que escribió – en portugués, y que han servido de base al presente estudio y tesis doctoral. Son en total 94 documentos encabezados por la numeración que ya les diera Schurhammer en su edición de la obra completa del jesuita español, acertada decisión que facilita al investigador la búsqueda del documento dentro del corpus javeriano.

Creemos que este *Apéndice documental* completa necesariamente el estudio lingüístico precedente. Nunca antes se habían reunido en un volumen los escritos portugueses de Francisco Javier, esenciales por ser esta la lengua de referencia en las misiones orientales, e instrumento de consulta destacado de cara a otros estudios, lingüísticos e históricos. Agradecemos al autor el esfuerzo (penoso, sin duda) de la transcripción y su presentación en un atractivo volumen de fácil acceso.

Ana Martínez Pereira

Franco CRESPI, *A Experiência religiosa na pós-modernidade*. Trad. Antonio Angonese. Bauru, São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração-EDUSC, 1999, 88 p., col. Filosofía e Política; 1ª ed. 1997.

Um dos significados da palavra ensaio, vertidos formalmente nas páginas de bons dicionários e conspícuas enciclopédias, engloba toda a obra em prosa que condensa reflexões diversas ou que aborda um tema sem o esgotar. Este ponto é, porém, duvidoso e causa reserva, pois até o estudo monográfico pretensamente exaustivo fica sempre incompleto ou passível de discussão e de revisões resultantes da interminável dialéctica científica.

Reservas à parte, tomemos, sem hesitação, o exposto sentido de ensaio para apresentar o estudo breve, mas amplo de interesse, elaborado pelo sociólogo italiano Franco Crespi, do Instituto de Estudos Sociais da Universidade de Perugia, Itália.

Um estudo ensaístico que, logo no começo da Introdução urdida em três pontos – *Religião institucional e experiência religiosa, O retorno à religião como fenómeno sociológico e Dogmatismo e autoritarismo* (p. 9-24) –, é declarado reflexão e resposta estimulada por esta questão assaz pertinente e radical: como será possível vivenciar uma experiência religiosa num tempo actual marcado pela «morte de Deus» que Nietzsche proclamou e pela consciência das limitações do saber humano que a filosofia pós-moderna tem vindo a sublinhar? (p. 9) Questão que pautou completamente o ritmo e o plano da pesquisa e do discurso, optando Crespi por uma trajetória em três capítulos com subdivisões: cap. 1 (p. 25-48) – *Limites do saber e abertura para o inefável (A linguagem como morada do ser; «Lançar-se contra os limites da linguagem»; Dialéctica negativa e perspectiva de redenção; e Sentido e significado)*; cap. 2 (p. 49-63) – *Itinerários da experiência religiosa pós-moderna (Cristianismo sem redenção; Fé e derrota de Deus; e A secularização como essência do cristianismo)*; e cap. 3 (p. 65-83) – *Para uma leitura «religiosa» do texto bíblico (A mensagem de Cristo como dessacralização e convite à liberdade; Criação e infracção da ordem sobrenatural; e A*

«culpa» de Deus e o sentido da Kenosis). O livro encerra com uma sucinta Bibliografia de duas páginas onde figuram as obras de filósofos e hermeneutas como Karl Jaspers, Soren Kierkegaard, Theodor Adorno, Martin Heidegger, Ludwig Wittgenstein, Paul Ricoeur e Aldo Masullo, teólogos como Drewermann e sociólogos como Durkheim, Webber e o próprio Crespi.

O autor não explica de início em que sentido usa a expressão *experiência religiosa*. Temos de aguardar pela abertura do cap. 2 para ler com todas as letras: *Falar de experiência religiosa, portanto, significa interrogar-se a respeito da possibilidade de assumir a atitude de quem se dispõe a escutar, a prestar atenção àquilo que, na própria linguagem dos símbolos religiosos, é revelado e, ao mesmo tempo, ocultado. Com efeito, para falar dessa experiência e para elaborá-la, não podemos deixar de fazer uso da linguagem de que dispomos, isto é, desenvolver um raciocínio, restabelecendo uma ligação de forma rememorativa com a tradição cultural a que historicamente pertencemos, mas a peculiaridade deste falar e raciocinar consiste eminentemente em destacar o limite radical dos seus resultados, isto é, a sua função de fazer sinal para uma outra dimensão, como convite a prestar atenção àquilo que, em última análise, não pode senão ficar inefável* (p. 49). Trata-se, em síntese, de uma «fala» que vivência não tanto através de um processo de tipo cognitivo, mas sobretudo pelos componentes emocionais e intuitivos.

Antes de chegar a este ponto de clarificação conceptual, Franco Crespi, com a atenção posta em exclusivo na religião cristã e da variante católica, investiu numa etapa estratégica de desmontagem sociológica do processo institucionalizador da Igreja de Pedro e de recurso aos contributos filosóficos críticos do racionalismo iluminista, capazes de, à semelhança do esforço de Wittgenstein, indicarem os limites da linguagem lógica. Aliás, a preciosa achega desse filósofo austríaco, naturalizado britânico, consistiu em mostrar a impossibilidade *em que se encontra a linguagem lógica de falar de forma rigorosa a respeito da experiência ética e religiosa. Com efeito, a percepção de tal limite intransponível elimina radicalmente a tentação, à qual, como vimos, cedeu a tradição da religião institucional, de reconduzir a dimensão religiosa ao interior de um discurso do tipo racional, partindo do pressuposto, desenvolvido sobretudo por Santo Tomás, de que o lumen naturale da razão jamais poderia estar em contraste com a fé* (p. 39). E da exploração de tal impossibilidade, bem como da análise da incontornável *tensão entre a exigência vital de sentido e os limites intransponíveis da expressão* (p. 39), Crespi passa a deter-se sobre a *dialéctica negativa* de Theodor Adorno e a perspectiva de redenção condensada na relação entre sentido e significado à luz de alguns aspectos do pensamento de Aldo Masullo. Por esta via chega a alguns itinerários da experiência religiosa pós-moderna e, por fim, ao esboço de uma leitura «religiosa» do texto bíblico, impregnada de um humanismo existencialista patente nestas palavras: *A possibilidade que é dada ao homem de participar da culpa de Deus, através de Cristo: «eu vos tornarei livres». Ao reconhecer-se livremente culpado, o ser humano participa, de fato, da livre decisão divina da criação e do sofrimento que esta implica: «Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor: chamei-vos amigos, porque vos manifestei tudo o que ouvi de meu Pai» (João 15,15). Nesta perspectiva, o ensinamento de Cristo visando a recusa de todo o poder, assim como de toda violência e todo o apego nos bens terrenos, no fundo, revela-se como convite a aderir justamente ao próprio ser finito.*

(...) *A pobreza, a mansidão, o ser como crianças, a caridade, pregados por Cristo, são o convite a deixar acontecer a existência na finitude que lhe é própria, a não evadir ilusoriamente a angústia e o sofrimento do existir e da morte, mas também a buscar a alegria na adesão àquela mesma situação existencial que o Cristo assumiu e justificou inteiramente* (p. 81-82).

O autor suspende aqui o seu ensaio, mas poderia, talvez, tê-lo prosseguido lembrando que nessa situação existencial, assumida e justificada inteiramente por Cristo, desenvolve-se sempre a radicalização espiritual da experiência religiosa mediante a ascensão ao inefável que a linguagem lógica e comum não alcança e que se entrebrea apenas pela Oração, elemento-chave em toda a tradição mística e da íntima comunhão amorosa com Deus, com Cristo Vivo e com o Espírito Santo. Elemento essencial no Tempo Presente em movimentos surgidos no seio da própria Igreja Católica (poderíamos, no entanto, estender o paralelismo a muitas seitas de raiz cristã que enxameiam a pós-modernidade), dos quais nos permitimos destacar, aqui, o Renovamento Carismático, surgido na América do Norte em meados de novecentos e daí irradiado pela América do Sul, pela Europa e pelas outras Partidas do Mundo. Reinventada de várias formas – dita mentalmente, proclamada em conjunto ou musicada, cantada e transmitida pelos média em directo – a Oração resulta da superação intuitiva e emocional dos limites da fala racional. Ela é o Verbo que se enuncia com a voz do coração e que opera efeitos de diverso nível quer na evasão solitária do eremita tão comum no Ocidente até final da Época Moderna, quer em concentrações gigantescas de crentes e devotos, que ocorrem em massa, enchendo pavilhões polivalentes e estádios de futebol - fenómeno expansivo na actualidade.

Os estudos de História da Espiritualidade na Época Contemporânea<sup>1</sup> e, em especial, na segunda metade do séc. XX, encontram, pois, neste ensaio de Franco Crespi uma interessante achega para a imprescindível base de reflexão e de enquadramento teórico que sustente as abordagens monográficas e interdisciplinares sobre manifestações colectivas de experiência/vivência religiosa e espiritual – rico, complexo e inesgotável filão de pesquisa que aguarda quantos se sintam estimulados por tão exigente e aliciante desafio.

Armando Malheiro da Silva

---

<sup>1</sup> Ver sinopse propedêutica ao tema por FERREIRA, António Matos – Espiritualidade. III. Época Contemporânea. In *Dicionário de História Religiosa em Portugal*. Dir. Carlos Moreira Azevedo, vol. P-V. Apêndices. Lisboa, 2000, p. 382-388.